

FOTOGRAFIAS QUE FICAM NA MEMÓRIA

Trabalhar numa agência noticiosa significa, quer no texto, quer na imagem, mostrar a realidade, ser testemunha visual tanto de factos políticos como de catástrofes, tanto de crimes como de competições desportivas. Nas agências a notícia sobrepõe-se sempre ao seu autor. Fazer fotografia para uma agência noticiosa implica a compreensão de que as imagens necessitam de ter informação, mas através de um olhar próprio que cativa a atenção dos editores de fotografia das agências e seus clientes e, acima de tudo, do público a quem essas imagens depois vão chegar. O Manuel Moura, ao lado de quem trabalhei alguns anos na Notícias de Portugal e depois na Lusa, é o decano da fotografia de agência em Portugal. O seu início na profissão foi um acaso, quando chegou à capital vindo de Oliveira do Hospital, onde nasceu. Logo nesse ano, 1967, começou a trabalhar na delegação lisboeta da agência espanhola Europa Press, inicialmente em laboratório e depois, já de câmara Rolleiflex na mão, saiu para a rua em reportagem. Cedo largou o médio formato da Rolleiflex e se converteu aos 35mm, primeiro com uma Asahi Pentax e depois com uma Nikon, marca que o tem acompanhado ao longo dos anos. O 25 de Abril de 1974 apanhou-o na Telimpressa, a agência fotográfica portuguesa da época, e logo depois integrou a ANOP e as suas encarnações posteriores, como a NP e Lusa, onde trabalhou até se reformar, ao fim de 40 anos de atividade. Agora com 76 anos, Manuel Moura apresenta o seu trabalho nesta exposição da Casa da Imprensa, promovida pela CC11. Aqui estão dezenas de imagens, impressas ou mostradas em slideshow, que testemunham marcos da sua carreira, ao longo da qual acumulou numerosos prémios. Ser fotógrafo de agência não implica perder a criatividade. É um trabalho exigente que implica capacidade de observação e compreensão do contexto e dos protagonistas, e, sobretudo, que obriga a escolher o momento certo, aquele que muda a história, interpretando-o visualmente da forma mais informativa. Hoje em dia, quando nas redações o departamento de fotografia encolhe, as fotografias distribuídas pelas agências voltam a ganhar peso editorial. O melhor que se pode dizer de um repórter fotográfico é que consegue dar a notícia numa imagem, que perdura na nossa memória. Esta sala é a prova de como ao longo dos anos o Manuel Moura fez isso.

Manuel Falcão

A LENTE E O OLHAR DO MANUEL MOURA

Observar o arquivo fotográfico de Manuel Moura é visitar a história de Portugal das últimas décadas. Em muitos dos acontecimentos noticiosos mais importantes do nosso país, a sua lente e o seu olhar estavam lá. Quando comecei a fotografar, profissionalmente, queria ser como os melhores. Queria construir uma carreira sólida, como a do Manuel Moura. Desde aí, a minha vocação levou-me a procurar e contar histórias. A tentar estar sempre no local certo, à hora certa, como vemos na obra do Manuel. Para muitos fotojornalistas da minha geração, é inevitável sentirmos uma inveja salutar por não termos tido o privilégio de cobrir certos acontecimentos marcantes da nossa história, como o célebre debate entre Mário Soares e Álvaro Cunhal, o incêndio do Chiado, a vitória de Rosa Mota nos Jogos Olímpicos, ou a famosa feijoada da Ponte Vasco da Gama. O Manuel esteve lá. Registou com rigor, isenção, criatividade e um apurado sentido estético, com o foco no dever e prazer em informar. Foi isso que o tornou numa referência e inspiração para muitos no fotojornalismo português. Como eu.

António Pedro Santos



RETROSPECTIVA

Manuel Moura

Curadoria António Pedro Santos

Slideshow por José Manuel Ribeiro



www.cc11.eu

23.09 | 27.11

Casa da Imprensa

Rua da Horta Seca 20

Segunda a sexta 10h-18h | encerra aos feriados

MANUEL MOURA

Pertence à geração de fotojornalistas que acompanhou através da objetiva a transformação de Portugal nas décadas que se seguiram ao final da ditadura. Nascido em 1950, em Oliveira do Hospital, iniciou muito cedo um percurso profissional que se confundiria com a própria história das agências noticiosas portuguesas, tornando-se uma figura de referência do fotojornalismo de agência e um dos profissionais que ajudaram a consolidar a fotografia de imprensa em Portugal.

Aos 16 anos mudou-se para Lisboa, inicialmente para trabalhar num escritório. Pouco depois, porém, surgiu a oportunidade que mudaria o rumo da sua vida. Em março de 1967 ingressou na delegação lisboeta da agência espanhola Europa Press, onde começou por trabalhar no laboratório fotográfico, e no início de 1969 passou para o terreno como fotógrafo, integrando uma geração pioneira que introduziu de forma sistemática a utilização de câmaras de 35 mm no fotojornalismo português, quando muitos profissionais continuavam a trabalhar com equipamento de médio formato.

Em 1970, a delegação portuguesa da Europa Press foi adquirida por um grupo nacional, dando origem à Telimprensa, a primeira agência fotográfica portuguesa com capacidade regular de distribuição de imagens. A agência recebia e distribuía fotografias internacionais através da United Press International (UPI), colocando Portugal numa rede informativa cada vez mais global. Com a Revolução de Abril de 1974, a Telimprensa encerrou e Manuel Moura foi



Cobertura dos jogos olímpicos de Atlanta, 1996

convidado a integrar os quadros da recém-criada ANOP – Agência Noticiosa Portuguesa, onde foi fundador do serviço fotográfico.

Foi um dos primeiros fotojornalistas da Notícias de Portugal (NP), agência criada no início de 1982, mantendo-se na linha da frente da reportagem política, social e institucional durante os anos de consolidação da democracia portuguesa. Quando, em 1987, a ANOP e a NP deram origem à Agência Lusa, Manuel Moura transitou naturalmente para a nova agência, onde permaneceu durante a sua restante carreira. O seu profundo conhecimento do funcionamento das agências noticiosas levaram-no a assumir, em diferentes períodos, a chefia do Serviço de Fotonotícia e, mais tarde, a função de editor de Fotojornalismo, orientando equipas e

acompanhando a modernização tecnológica da fotografia de imprensa, com o início de transmissão de telefotos a cores.

Ao longo de mais de quatro décadas fotografou milhares de acontecimentos políticos, sociais, culturais e desportivos, documentando alguns dos momentos mais relevantes da história recente portuguesa, cobrindo campanhas eleitorais, visitas de Estado, cimeiras internacionais, crises políticas. Naturalmente, fez também muita reportagem internacional, caso da cobertura dos Jogos Olímpicos de Seul, 1988, e Atlanta, 1996, das eleições presidenciais na Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, e de conflitos internacionais, como os da Bósnia e também de Timor, onde teve o privilégio de testemunhar a fundação da nova

nação de língua portuguesa — Timor Lorosae. Esteve também a seu cargo a cobertura da transferência da administração de Macau para a China.

A sua fotografia caracteriza-se pela atenção ao instante decisivo, pelo rigor jornalístico e pela capacidade de sintetizar acontecimentos complexos numa única imagem. Para Manuel Moura, o fotojornalista não é apenas um fotógrafo: é, acima de tudo, um jornalista que utiliza a imagem como linguagem narrativa. No estudo de referência de Jorge Pedro Sousa sobre o fotojornalismo da Lusa resume, em entrevista, essa visão de forma particularmente clara: «Essencialmente sou um fotojornalista, alguém que tem que aliar o jornalismo à imagem e vice-versa.» Neste estudo, Manuel Moura surge como uma das figuras centrais da evolução editorial do serviço de fotografia da agência, sendo apontado como exemplo da capacidade de improviso, rapidez de decisão e domínio técnico exigidos ao fotojornalismo de agência. A investigação destaca igualmente o seu papel na formação de profissionais mais jovens e na definição de procedimentos que contribuíram para elevar os padrões de qualidade da fotografia noticiosa produzida em Portugal.

Entre os reconhecimentos da sua carreira destaca-se o Prémio Gazeta de Fotografia de 1989, atribuído pelo Clube de Jornalistas, uma das mais prestigiadas distinções do jornalismo português. Este galardão colocou-o entre os principais nomes do fotojornalismo nacional e representou o reconhecimento público de um percurso construído maioritariamente nas

agências noticiosas, onde a autoria individual tende frequentemente a diluir-se na urgência da informação. Recebeu ainda o Primeiro Prémio de Fotojornalismo da Notícias de Portugal e foi distinguido por três vezes pelo Clube Português de Imprensa, além de um Prémio Carreira, atribuído pela revista Mais Alentejo, em 2017.

O seu trabalho integrou igualmente a exposição itinerante “125 Anos de Fotografia no Mundo e 25 de Agência em Portugal”, promovida pela Lusa, iniciativa que procurou contextualizar a evolução da fotografia de imprensa portuguesa e homenagear alguns dos profissionais que mais contribuíram para esse percurso. Fotografias da sua autoria encontram-se hoje em diversos arquivos documentais, incluindo o acervo reunido por José Pacheco Pereira no Ephemera, onde figuram imagens de protagonistas centrais da vida política portuguesa e internacional, como Vasco Gonçalves, Agostinho Neto, Jonas Savimbi, Mário Soares, José Saramago, Ernâni Lopes e muitas outras personalidades que marcaram a segunda metade do século XX.

A carreira de Manuel Moura atravessa praticamente toda a história moderna das agências noticiosas portuguesas constituindo um testemunho privilegiado da evolução tecnológica, editorial e ética do fotojornalismo em Portugal. Mais ainda do que autor de imagens marcantes, Manuel Moura representa uma geração de fotojornalistas que fez da discrição, rigor e compromisso com a informação a essência da profissão, deixando um legado fundamental para a memória visual do país.